

Acessibilidade e Inclusão

você
pode fazer
a diferença



“Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”.

“Acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida”

“Artigo 42: A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso: a bens culturais em formato acessível; a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais e desportivas em formato acessível; e a monumentos e locais de importância cultural e a espaços que ofereçam serviços ou eventos culturais e esportivos”.

Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, n.13.146, de 6 de julho de 2015

Precisamos ter em mente que o conceito de acessibilidade não se limita a acessibilidade física (rampas, elevadores, espaços reservados para cadeirantes), mas também diz respeito à acessibilidade comunicacional, especialmente importante para os deficientes visuais e pessoas surdas.

O mais importante, contudo, é vencermos as barreiras atitudinais que se perpetuam na forma de preconceitos, discriminação e desconhecimento dos direitos das pessoas com deficiência. O respeito e o acolhimento são os primeiros passos para a inclusão.

A busca por informação também é muito importante. Pensando nisso, essa cartilha tem o objetivo de fornecer algumas orientações simples que auxiliam a melhorar a qualidade do

atendimento a pessoas com deficiência por todos os mediadores e funcionários do Espaço do Conhecimento UFMG.

Contamos com você para fazer a diferença!

Recebendo o visitante com

deficiência



Dicas gerais

/ Verifique se é necessário algum tipo de ajuda. Se a pessoa requisitar, tenha certeza de que a pessoa aceitou o auxílio e respeite os limites.

// Sempre fale diretamente à pessoa, não ao seu intérprete ou assistente pessoal.

/// Em geral, os museus devem possuir uma cadeira de rodas para uso eventual.

IMPORTANTE

O Espaço do Conhecimento UFMG possui uma cadeira de rodas comum (não é elétrica e não comporta pessoas obesas) que pode ser solicitada na recepção. Você pode oferecê-la, quando achar necessário, para pessoas com mobilidade reduzida como idosos e grávidas, por exemplo.

Cadeirantes

/ Ao falar com um cadeirante, procure situar-se de frente e na mesma altura da pessoa, sentando-se, por exemplo.

// Pergunte ao usuário se quer alguma ajuda, dirigindo-se sempre a ele e não ao acompanhante, se for o caso.

/// Ao ajudar um usuário de cadeira de rodas a descer uma rampa inclinada é preferível usar a “marcha ré”, para evitar que, pela excessiva inclinação, a pessoa desequilibre e possa cair para frente.

//// Tenha cuidado com o contato físico – apoiar-se na cadeira de rodas de alguém pode ser considerado invasão de espaço pessoal. Se precisar usar o toque para atrair a atenção, toque delicadamente na mão, braço ou ombro.

///// Ao auxiliar a pessoa a sair da cadeira para se sentar em outra cadeira (na cadeira do Planetário, por exemplo), proceda da seguinte forma: coloque a cadeira de rodas freada, paralela à cadeira a qual ele irá se sentar. Para maior segurança é conveniente a ajuda de duas pessoas, uma para segurar o tronco (axilas) e outra para segurar as pernas, logo abaixo dos joelhos.

Pessoas com transtorno mental ou deficiência intelectual

/ Cumprimente a pessoa normalmente, evitando superproteção.

// A pessoa deve fazer sozinha tudo o que puder; ajude-a quando realmente for necessário.

/// Esta limitação pode ser consequência de uma doença, mas não é uma doença, é uma condição. Nunca use expressões pejorativas como "doentinho" e outras.

//// Não trate adolescentes e adultos nesta condição como crianças. Apenas fale devagar e transmita mensagens claras.

///// Não deixe de explicar algo achando que a pessoa não entenderá. Não há como ter certeza do alcance de compreensão de cada pessoa.

Pessoas com paralisia cerebral

/ A pessoa nesta condição nem sempre possui um comprometimento intelectual, por isso não a subestime. Pergunte o nome e a cumprimente normalmente.

// Em grande parte dos casos de paralisia há um comprometimento da fala e a pessoa pode babar.

/// Converse com o acompanhante da pessoa e procure conhecê-la, para estabelecer a melhor forma de comunicação.

Autistas

/ Não toque na pessoa: o toque pode ser extremamente invasivo para pessoas com autismo, por estas serem sensíveis aos estímulos externos. Em dúvida, é melhor evitar causar um mal-estar.

// Não fale muito alto ou leve a pessoa a lugares barulhentos sem consultar antes, pois alguns autistas podem ter hipersensibilidade

sonora.

/// Cuidado com lugares muito iluminados ou com muitos estímulos visuais.

//// Tente se comunicar e mantê-lo integrado ao resto do grupo. Mas não force a comunicação ou integração: se o autista não lhe responde ou não parece prestar atenção ao que diz, este é o modo como ele consegue lidar com a situação.

///// Muitos autistas podem estar prestando atenção em você sem necessariamente olhar em seus olhos. Procure dicas no comportamento da pessoa para saber se conseguiu deter a atenção (balançar a cabeça afirmativamente, responder à sua fala, etc.).

///// Alguns autistas podem se comunicar verbalmente de forma normal. Geralmente a fala será direcionada a um assunto específico, quase como uma obsessão. Preste atenção ao que a pessoa lhe diz. É positivo reforçar qualquer tentativa de comunicação. Tente correlacionar com o assunto que deseja tratar, caso contrário, o autista poderá falar por horas sobre aquilo sem se dar conta da intromissão.

///// Caso uma criança autista esteja apresentando comportamento "agressivo", peça auxílio aos pais ou responsáveis. Não se dirija à criança para resolver a situação, sua ação pode atrapalhar tornando a criança mais ansiosa.

///// Deixe os pais ou o acompanhante delimitarem as possibilidades de sua interação com a criança, eles já possuem experiência ou treinamento para situações do tipo.

IMPORTANTE

Não toque na criança, a não ser que os pais tenham lhe dado sinal verde.

Déficit de Atenção e Hiperatividade

/ Para lidar com crianças com déficit de atenção ou hiperatividade é necessário, sobretudo, paciência. Não grite, mas seja seguro em relação às regras do local.

// Crianças hiperativas sempre estão em atividade, não passando despercebidas pelas outras crianças. Busque integrá-la, pedindo seu auxílio ou mantendo-a perto de si. Isso diminui a possibilidade dela se cansar da atividade e começar a desviar a atenção dos colegas.

/// É possível que a criança queira explorar o local, correndo ou tocando nos objetos. Seja firme quanto à proibição, mas apresente alternativas de distração.

//// Há sempre a possibilidade de pedir auxílio ao acompanhante da criança ou ao responsável pela turma.

Dificuldade de aprendizagem

/ Esteja pronto a explicar de diferentes maneiras mais de uma vez e não seja impaciente.

// Simplifique as informações complexas em tópicos (frases

curtas). /// Elimine o máximo possível distrações do ambiente.

Idosos

/ Identifique se o idoso apresenta deficiências visuais, auditivas e motoras. E se apresenta boa comunicação verbal e não verbal.

// Dê atenção, saiba ouvir e demonstre compreensão no processo de comunicação.

/// O idoso deve ser tratado como adulto e chame-o pelo nome.

//// Siga o ritmo do idoso, respeitando os possíveis limites que possam existir, e tome cuidado para não parecer que está apressando a pessoa.

///// Oferecer uma cadeira também é importante, pois às vezes o idoso se sente cansado ao percorrer uma exposição.

///// Preste atenção se o idoso está acompanhando o que está sendo falado. Caso seja, necessário fale mais alto.

Os graus de visão abrangem um amplo espectro de possibilidades: desde a cegueira total até a visão perfeita, também total. A expressão “deficiência visual” se refere ao intervalo que abrange da cegueira até a visão subnormal.

O termo cegueira é relativo, uma vez que apresenta vários tipos de deficiência visual. Pode-se considerar cego o indivíduo cuja visão do melhor olho enxergue a uma distância de 6 metros o que uma pessoa com visão normal enxergaria a 60 metros. Existem aqueles indivíduos

capazes de enxergar a pouca distância, quando olham os dedos da mão, por exemplo. Outros que só veem vultos. Outro grau da deficiência permite que o indivíduo só tenha percepção e projeção de luminosidade. Também existe a cegueira total, isto é, a completa perda da visão.

Chama-se visão subnormal (ou baixa visão, como preferem alguns especialistas) a alteração da capacidade funcional decorrente de fatores como rebaixamento significativo da acuidade visual, redução importante do campo visual e da sensibilidade aos contrastes e limitação de outras capacidades.

A surdocegueira é uma deficiência que afeta dois sentidos simultaneamente: a visão e a audição. Isso não quer dizer que a pessoa portadora de tal deficiência tenha prejuízo total de ambos os sentidos. O surdocego necessita da utilização dos outros sentidos - tato, olfato, paladar - para obter informações sobre o ambiente ao seu redor. Também pode utilizar-se da visão e da audição desde que estas não tenham sido completamente comprometidas.

Recebendo um visitante com deficiência visual Dicas gerais

/ Quando identificar um visitante com deficiência visual, aproxime-se e se identifique (como mediador, recepcionista, porteiro, etc.) do museu (especifique, por exemplo, que se trata do Espaço do Conhecimento UFMG).

// Nem todo deficiente visual é cego, fique atento e preste o auxílio que o visitante achar necessário.

/// Deficientes visuais em muitos casos podem não ter nenhum comprometimento auditivo, então você não precisa gritar.

No caso do visitante ser cego:

/ Quando você precisar ir para outro ambiente, avise ao visitante, para que ele não fique falando sozinho.

// Durante a conversa, se chegar outras pessoas ao grupo e começarem a ouvir o que está sendo falado, diga ao visitante quem são e onde estão.

/// Se oferecer uma cadeira, explique isso e guie a mão da pessoa até o encosto, o braço ou o assento da cadeira, dizendo: "Este é o encosto da sua cadeira".

//// Se estiver se oferecendo para guiá-lo, mova delicadamente a mão dele até o seu cotovelo.

///// Geralmente, pessoas cegas não precisam de um banheiro adaptado. Portanto, se o visitante cego manifestar desejo de ir ao banheiro, apenas leve-o até a porta e deixe-o a vontade.

No caso do visitante com visão subnormal:

/ Se a pessoa com visão subnormal pedir informações por escrito, use uma caneta preta de ponta grossa e escreva em letras grandes – antes de continuar, confira, com uma palavra, se o tamanho está bom para a pessoa.

// Saiba dar orientações e referências claras, pessoas com visão subnormal precisam de um bom referencial, parta do grande para o pequeno.

No caso do visitante surdo-cego:

/ Para se comunicar com um surdo-cego, forme palavras "desenhando" letras na palma da mão da pessoa com seu dedo*.

// Alguns surdos-cegos também têm problemas de equilíbrio, então, deixe que eles lhe mostrem a melhor maneira de guiá-los.

* Outros métodos incluem o alfabeto manual de surdos-cegos, língua de sinais em campo de visão reduzido ou leitura de lábios e sinalização de contato, que serão normalmente usados por um guia comunicador ou intérprete treinado.

Condução

/ Para conduzir uma pessoa, basta oferecer-lhe o cotovelo para que ela possa acompanhar seus movimentos. Não há necessidade de mudar o ritmo de caminhada ou de anunciar a todo o momento os obstáculos.

// Leve em conta que está andando acompanhado ao calcular os espaços por onde passarão. Caso eles comportem apenas uma pessoa, assim como em situações em que pretende desviar o cego de um obstáculo, leve o cotovelo no qual o cego se apoia ligeiramente para trás. Esse movimento fará com que ele siga seus passos atrás de você, passando pelo mesmo caminho.

IMPORTANTE

Nunca puxe um cego pelo braço ou pela bengala, nem interrompa repentinamente a caminhada de alguém. Sempre que desejar ajudar, pergunte antes se a pessoa precisa ou deseja ser auxiliada.



Cão-guia

/ Estes animais são treinados e, por isso, você pode se aproximar do cego sem temer ser atacado pelo cão. Para orientar alguém nessa condição, ofereça o cotovelo ao braço que se encontra livre da guia do animal.

// Jamais toque ou brinque com um cão-guia. Ele poderá se distrair e falhar em sua função. No museu, onde possivelmente haverá muitas crianças curiosas, é importante transmitir a elas esta regra.

/// Caso haja necessidade de abordar uma pessoa com deficiência visual que esteja acompanhada de um cão-guia, dirija-se a ela, e não ao animal.

//// Se um deficiente visual acompanhado de um cão-guia lhe perguntar como chegar a algum lugar, dê informações claras para que ele possa passar os comandos corretamente ao animal.



IMPORTANTE

É assegurado por lei à pessoa com deficiência visual acompanhada de cão-guia o direito de ingressar e de permanecer com o animal em todos os meios de transporte e em estabelecimentos abertos ao público, de uso público e privados de uso coletivo.

Escadas

/ Em geral, pela norma, as escadas de um museu devem ser devidamente antecedidas por uma faixa em relevo no chão, facilmente identificada pela bengala e pelos pés.

// Diga apenas que à frente está uma escada, mostre o corrimão e leve a mão do visitante para o contato deste.

/// Quando chegar ao fim da escada, informe qual andar o visitante está e o que há nele.

//// Dê liberdade ao visitante, verifique se ele quer que você permaneça ao lado dele ou se ele quer prosseguir sozinho.

IMPORTANTE

No caso de obstáculos no caminho, ao guiar uma pessoa com deficiência visual, busque desviá-la ou avise-a da sua presença (um exemplo pode ser os extintores de incêndio). É importante informar mesmo que se trate de alguém com baixa visão ou com algum resíduo visual. Também é preciso ter atenção com as portas. Embora comumente permaneçam abertas e encostadas na parede, elas são um risco quando entreabertas.

Exposições

/ Faça a mediação normalmente, apenas permitindo que o visitante cego toque, caso seja seu desejo, nos elementos da exposição ou em réplicas e objetos similares que possam enriquecer a visita.

// Sinta-se livre para descrever os elementos visuais da exposição ou do ambiente do museu. Fatores como cores, por exemplo, podem ser muito úteis para compor um espaço ou área temática**.

/// Descreva brevemente o que há naquele andar e, durante a visita, aproveite situações favoráveis para mostrar os elementos particulares do prédio (no caso do Espaço do Conhecimento UFMG, poderia ser as janelas, as portas de ferro, as paredes e pilastras cobertas de metal, etc.).

//// Durante o percurso da visita, permita que o caminho seja vivenciado pelo cego com o toque, a percepção dos lugares e a compreensão do percurso. Levando em conta a segurança da pessoa com deficiência e a conservação da exposição, busque contribuir para uma experiência o

mais completa possível durante a visita.

Audiodescrição

A audiodescrição é uma narração detalhada de aspectos visuais, como formas, tamanhos, cores, posições, ações, texturas, emoções etc. É possível que um cego peça ao mediador (ou quem esteja o acompanhando) para descrever alguma particularidade do prédio, da exposição ou dos visitantes, por isso, listamos abaixo algumas dicas. Elas não devem ser tomadas como uma receita a ser seguida, mas como sugestões a serem ponderadas de acordo com o contexto.

/ Escolher bem o material a ser audiodescrito. Priorizar aquelas obras cujo caráter visual apresente maior desafio para os não-videntes.

// Não falar sem parar, apresentando um enorme volume de informação sem pausas. Dar um tempo para a pessoa processar o que está sendo dito e para sentir o ambiente, seus sons, cheiros e texturas.

** Pessoas cegas, mesmo que não tenham resíduos significativos de visão, costumam ser interessadas nas cores. Muitos possuem lembranças ou podem ainda vê-las. Pergunte se isso ocorre, pois assim saberá o quanto suas informações são assimiladas por elas.

/// Sempre que possível, identificar a fonte dos ruídos imediatamente antes ou depois de serem ouvidos. Somente sobrepor as descrições aos efeitos de áudio se informações importantes precisarem ser transmitidas.

//// Ao contar histórias (como nas “Cosmogonias”), certificar-se de que o contexto das ações está claro e identificar os personagens principais o quanto antes. Se necessário, repetir nomes próprios ao invés de usar pronomes, para que não haja ambiguidade.

///// Descrever o vestuário e a aparência física dos personagens, inclusive

as cores.

///// Usar uma linguagem rica e variada. Escolher adjetivos e advérbios expressivos, mas não falar de maneira muito rebuscada. A clareza e naturalidade são fundamentais.

//////// Descrever o que pode ser visto, não sua interpretação sobre o que está acontecendo. Caso for falar da sua interpretação, deixe claro que está expondo o seu ponto de vista.

///////// Informar o cego sobre a existência de elementos visuais não verbais (imagens) e verbais (textos, títulos, legendas, intertítulos).

ELEMENTOS QUE PODEM SER AUDIODESCRITOS

/ Atributos físicos: idade, etnia, aspecto, vestuário, expressões faciais, linguagem corporal.

// Estados emocionais, físicos e mentais: alegria, ânimo, serenidade, ternura, tristeza, desânimo, desesperança, ira, medo.

/// Ambientação e ações: localização espacial, interiores, exteriores, localização temporal.

Surdo é quem têm perda auditiva severa ou profunda. Estes possuem uma identidade como surdo, ou seja, comunicam-se por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e, normalmente, não gostam de ser chamados de deficiente auditivo e sim de surdo. A LIBRAS, como é chamada no Brasil, não é universal. É, contudo, uma língua oficial do Brasil, semelhante ao português através da qual comunicamos por meio de gestos e expressões faciais. Pessoas oralizadas com deficiência auditiva são aquelas que escutam um pouco, não gostam de ser chamadas de surdas, não possuem uma identidade com a comunidade surda e, por isso, não utilizam a LIBRAS. Fazem leitura labial do que falamos, entendem o português e, na maior parte dos casos, podem ser identificadas pelo forte sotaque ao falar, pois a audição reduzida compromete o aprendizado da fala. Muitas vezes trocam as letras ou falam baixo.

Recebendo um visitante surdo

Dicas gerais

/ Quando for receber um visitante surdo lembre-se de que ele se comunica de maneira visual, então fale sempre olhando diretamente para a pessoa.

// Não grite. Para chamar atenção, toque levemente o braço ou o ombro.

/// Seja expressivo. O surdo não diferencia os tons de voz por não escuta los – ele faz isso através das expressões faciais.

//// Perceba como a pessoa quer que você se comunique com ela; ela pode preferir que você fale normalmente, quando ela vai realizar leitura labial. Não exagere na hora de pronunciar as palavras. Caso o surdo não entenda ele pedirá para você repetir ou falar mais devagar.

///// Também é possível se comunicar através da escrita em um papel. Mas lembre-se de que nem todos os surdos dominam o português. Por isso, escreva frases curtas, de forma direta.

///// Na presença de um intérprete, dirija-se sempre ao surdo. Você está dialogando com ele, e o intérprete está apenas facilitando a comunicação. Além disso, quando falar, dê tempo para o intérprete traduzir.

///// É falta de educação passar entre duas pessoas que estão conversando em LIBRAS, pois isso atrapalha a comunicação.

No caso do visitante com deficiência na fala:

/ Preste atenção no que o visitante está falando, deixe-o terminar a frase, não o corrija e nem manifeste constrangimento ou estranhamento. Não termine as frases dele.

// Não finja ter entendido o que a pessoa falou. Se necessário, peça-a que repita ou requisiite alguém para ajudar a entender o que ela está falando.

No caso do visitante oralizado, com deficiência auditiva:

/ Falar de frente para a pessoa.

// Falar um pouco mais devagar, gesticular melhor a boca.

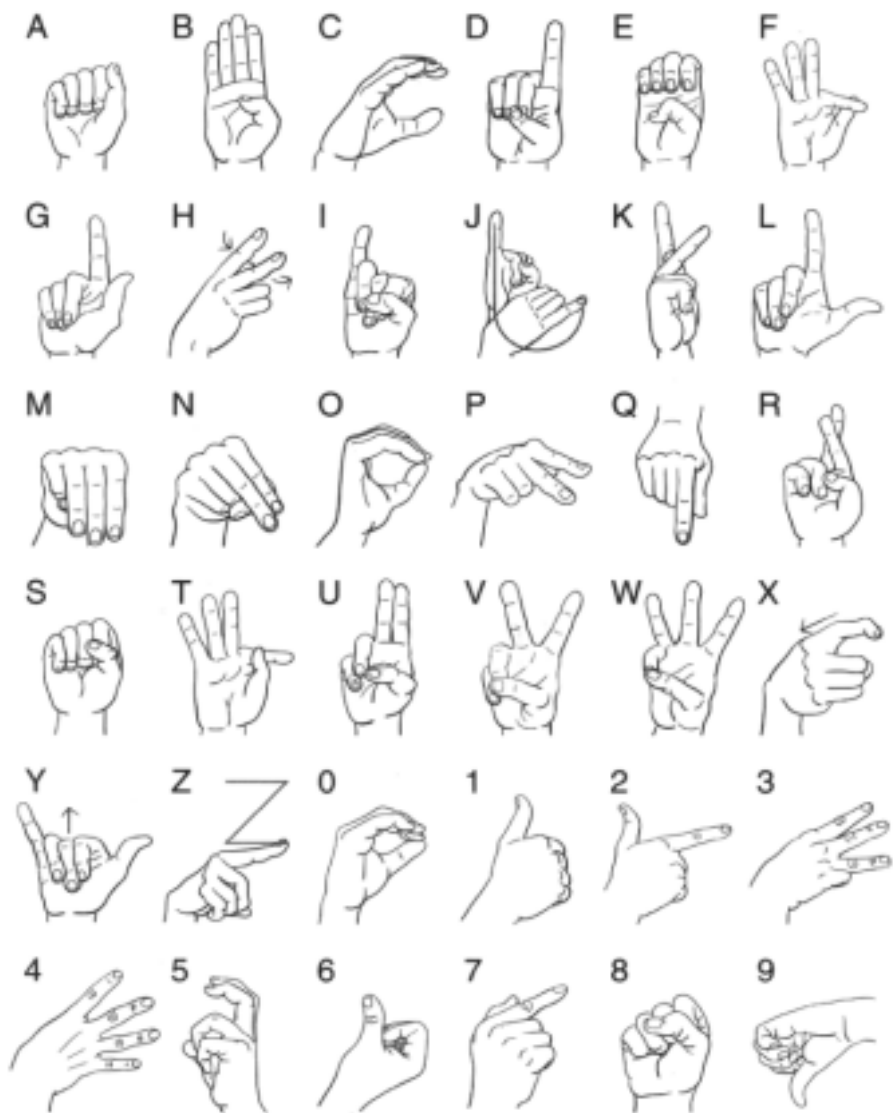
IMPORTANTE

O visitante surdo pode solicitar o uso do tablet, que contém a apresentação do museu em Libras. Este deve ser solicitado na

recepção.

Libras

O alfabeto e os algarismos na Língua Brasileira de Sinais



A língua de sinais não utiliza somente o alfabeto para se comunicar, há sinais referentes a palavras e juntos formam as frases. Segue alguns sinais:



Olá!



Tudo bem?



Prazer em conhecer



Estou bem.



LEGAL



SENTAR



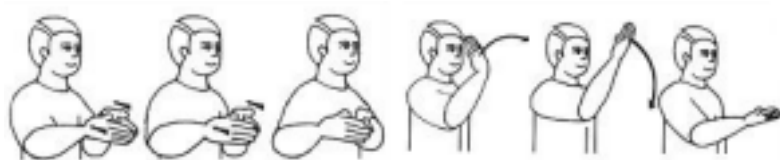
OI



TUDO BEM?



TUDO BEM.



COM LICENÇA

OBRIGADO



POR FAVOR



símbolo internacional da surdez



símbolo nacional acessibilidade
em libras